

SATÉLITES RECLAMAM

AS LIDERANÇAS CULTURAIS DAS CIDADES-SATÉLITES EXPÕEM OS SEUS PROBLEMAS E QUESTIONAM ATUAÇÃO DA SECRETARIA

ANAMARIA ROSSI

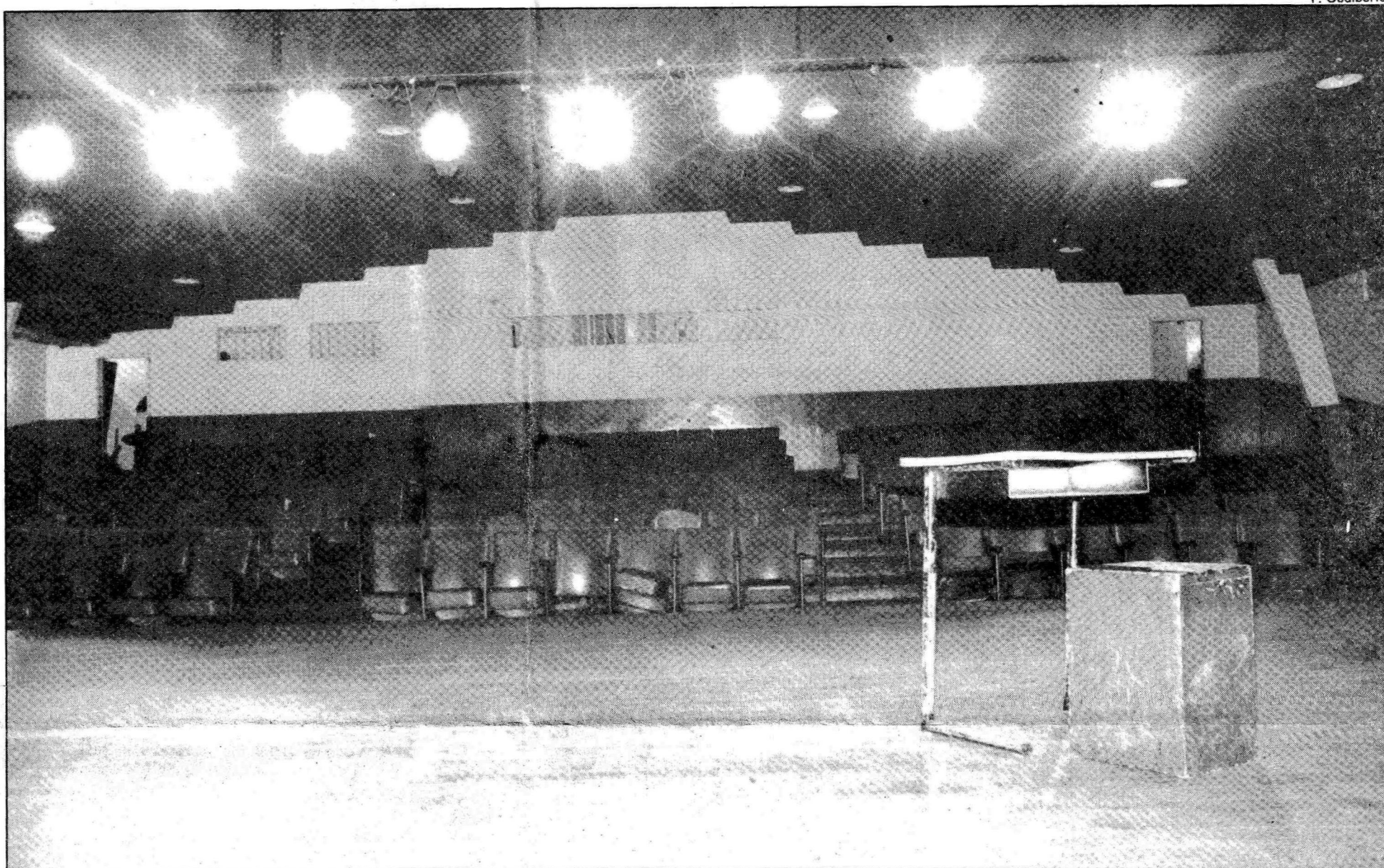
Nove meses ainda não foram suficientes para o secretário de Cultura do DF, Fernando Lemos, gestar seu projeto de ação cultural — ou pelo menos para colocá-lo em prática. A avaliação do movimento cultural organizado das cidades-satélites não é muito otimista quanto à sua gestão. As queixas continuam sendo as mesmas: falta de espaço, falta de verbas, falta de estímulo à produção cultural. Uma tentativa de radiografar essa produção, hoje, saindo da ótica do Plano Piloto, não apresenta um quadro promissor. Onde há produção, não há espaço, e onde existe espaço, não existem verbas para viabilizar os projetos. A tão anunciada reforma de espaços ainda não saiu do papel e o Teatro da Praça, em Taguatinga, assim como o Teatro de Sobradinho — os dois únicos teatros de satélites — continuam fechados. As lideranças culturais de algumas cidades falam sobre essas deficiências e questionam a atuação do secretário Fernando Lemos.

Ceilândia — Maior cidade-satélite do Distrito Federal, com 380 mil habitantes, Ceilândia não tem teatro nem cinema. Os auditórios escolares, segundo Jesseú Emerick, do Conselho Regional de Cultura, estão deteriorados e sem condições adequadas de uso para atividades culturais. "Além disso, temos dificuldades para utilizá-los", afirma. A Casa do Cantador é o espaço cultural mantido pela Secretaria de Cultura em Ceilândia, mas seu uso é quase sempre direcionado às atividades promovidas pela Fenacrep (Federação Nacional de Cordelistas e Repentistas), segundo Jesseú. "Quando precisamos do espaço, que é nosso, temos que pedir via ofício à secretaria", diz. O espaço mais utilizado para atividades culturais é o Quarentão, um centro de múltiplas funções que pertence à Administração Regional.

O Conselho de Cultura de Ceilândia apresentou à Administração um projeto de adequação do Quarentão para que sirva melhor às atividades culturais, pois a estrutura existente é mínima. "Precisaria ser reformado", explica Jesseú, "para podermos realizar shows, espetáculos teatrais, cursos e oficinas". Segundo ele, a atuação de Fernando Lemos frente à Secretaria de Cultura não tem contribuído muito à produção nas satélites. "Ele não tem se interessado pelo assunto e este ano ainda não fez nada de concreto", diz. Jesseú acredita ser de suma importância a normatização da Lei de Incentivos à Cultura, para atrair o empresário local a investir na área.

Taguatinga — Segunda maior cidade-satélite do DF, com 240 mil habitantes, Taguatinga também sofre a falta de espaços culturais. Com o Teatro da Praça interditado, aguardando reformas, resta o Teatro Yara Amaral, do Sesi, que "funciona sem grande participação das entidades culturais", segundo Leovane Gregório, do Conselho Regional de Cultura. Como vários outros auditórios escolares subaproveitados para atividades culturais, o auditório do Ceab poderia tornar-se um "espaço interessante para abrigar a produção cultural da cidade", na opinião de Leovane. As três salas de cinema de Taguatinga limitam-se a exibir filmes do circuito comercial.

"Nossa esperança está na recuperação do Teatro da Praça, sempre anunciada e nunca realizada", diz Leovane. Segundo ele, o movimento cultural da cidade tem planos de fazer da área compreendida pelo Teatro e pela Biblioteca Pública uma espécie de Casa de Cultura, com espaços e equipamentos para a realização de cursos, oficinas, exibição de filmes e outros espetáculos. Leovane também queixa-se da falta de recursos para projetos culturais. "Os únicos dois projetos aprovados para Taguatinga este ano



O Teatro da Praça de Taguatinga está interditado e aguardando reformas. O movimento cultural daquela satélite tem planos de transformar a área do teatro e da biblioteca numa Casa de Cultura

ainda não receberam os recursos", diz. Segundo ele, a gestão do secretário Fernando Lemos "não conseguiu emplacar nada".

Planaltina — Conhecida por suas tradições culturais, essa cidade de mais de 130 anos e 80 mil habitantes também não tem teatro nem cinema, contando apenas com os 128 lugares do auditório da Administração Regional, que sempre fica lotado em dia de espetáculo. No entanto, é a única cidade-satélite que tem uma Casa de Cultura num espaço cedido pela Secretaria de Cultura, embora equipada pelos próprios voluntários que ali trabalham. Na Casa, um antigo prédio da SAB, são realizadas exposições, cursos, oficinas e também funciona o Videoclube, com equipamentos emprestados e fitas alugadas a partir da cotização dos interessados. "A gente faz aos trancos e barrancos para não deixar morrer a cultura", afirma Uberdan de Oliveira, do Conselho Regional de Cultura.

A falta de espaços não é o único problema de Planaltina. A comunidade precisa também de recursos para viabilizar projetos, alguns tão tradicionais como a *Via Sacra* e a *Semana Nacional do Folclore Regional*. "Pedimos ajuda para a *Via Sacra* este ano ao secretário Fernando Lemos e ele não nos ajudou em absolutamente nada", diz Uberdan. Outros projetos, reunidos no Programa de Ações Culturais de Planaltina, foram aprovados para receber verbas do edital de auxílio financeiro da Fundação Cultural, com recursos reduzidos à metade. "Tivemos que cancelar vários projetos", diz o conselheiro.

Sobradinho — Ao contrário da maioria das cidades, Sobradinho não se queixa de falta de espaço para a cultura, mas sim da falta de recursos para realizar os projetos que surgem aos montes naquela cidade, considerada uma das mais ativas do DF em termos de cultura. Com 90 mil habitantes, Sobradinho já conquistou uma espécie de Casa de Cultura improvisada, reunindo a Galeria de Arte Van Gogh e a Biblioteca Pública, num espaço cedido pela Administração Regional. Apesar de ser a sede do Pólo de Cinema, a cidade, no entanto, não dispõe de uma

única sala de projeção.

"Nosso maior problema é a falta de recursos para projetos, já que o comércio local é pequeno e não conseguimos grandes patrocínios", diz Sandra Mara Gomes, do Conselho Regional de Cultura de Sobradinho. Ela lembra que o Teatro de Sobradinho está interditado há dois meses, aguardando reformas, e que por isso a cidade ficou sem um palco tradicional para apresentações musicais e de artes cênicas. O que o movimento cultural de Sobradinho espera do governo é, além da reforma do teatro, verba para a adequação do espaço entre a Galeria e a Biblioteca, onde funcionam as oficinas culturais, e também recursos para pagar os oficineiros.

Gama — Como a maioria das cidades, o Gama enfrenta o sério problema da falta de espaços adequados às atividades culturais. Com 138 mil habitantes, a cidade não dispõe de um teatro sequer, contando apenas com os auditórios escolares e o que abriga o Cineclube Porta Aberta, usado somente para projeções cinematográficas. Narciso Quaresma, membro do Conselho Regional de Cultura do Gama, não acredita na disposição do governo em reformar os espaços existentes, adaptando-os às atividades culturais. "Nunca houve interesse em fazer isso. Além do mais, as reformas atingiriam somente os auditórios escolares, cuja administração fica à mercê das diretorias das escolas", analisa.

O movimento cultural do Gama já tem um projeto de construção de uma Casa de Cultura. A planta prevê, em 2.500 metros quadrados de área construída, espaço para galeria de artes, salas de vídeo, biblioteca, salas para oficinas e um teatro de 400 lugares. Narciso Quaresma tem esperanças em relação à construção da casa: "É uma questão de vontade política". Ele queixa-se da falta de recursos para projetos culturais, como é o caso do Festival de Música Popular do Gama que, em sua 14ª edição, este ano, não obteve apoio financeiro do governo. Narciso acredita que a relação entre governo e movimento cultural piorou durante a gestão de Fernando Lemos. "Ele não tem diálogo com o movimento e também não apresenta uma polí-

tica de ação cultural", diz.

Núcleo Bandeirante — Com 51 mil habitantes, o Núcleo Bandeirante dispõe de um pequeno auditório de 50 lugares pertencente à Administração Regional, onde funcionam as sessões do Cineclube Arte Livre, e um ginásio de esportes, onde acontecem eventualmente shows de música. "Precisamos, no mínimo, de uma sala de cinema e um teatro", diz Antônio Souza, o Tônico, do Conselho Regional de Cultura. "A população do Núcleo não tem condições de ir ao Plano Piloto para assistir a apresentações culturais", reforça. Tônico diz que o auditório da Administração, conhecido como União Cívica Cultural, é totalmente inadequado a qualquer atividade. "Projetamos os filmes na parede e, quando se trata de peças teatrais, não existe a mínima estrutura, nem mesmo cadeiras suficientes para acomodar o público", conta.

O Cineclube tem um projeto de adequação da delegacia policial para transformá-la em Casa de Cultura. "Durante o governo itinerante, há um ano, o governador Roriz fez um acordo conosco para ceder o espaço, mas até hoje não obtivemos resposta", afirma Tônico. Segundo ele, o próprio Conselho Regional de Cultura está há quatro meses sem reunir-se por falta de estrutura: "Não temos sequer uma sede". O Núcleo dispõe ainda do espaço do Museu Vivo da Memória Candanga, onde funcionam várias oficinas culturais. "Mas não há convite à participação da comunidade no museu", diz Tônico. Ele acredita que a gestão de Fernando Lemos não acrescentou nada à cultura das satélites.

Cruzeiro — O único espaço cultural desta satélite com 62 mil habitantes é a Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro (Aruc), que possui uma quadra de ensaios coberta e várias quadras esportivas. Os dois auditórios escolares do Cruzeiro são pouco usados para atividades extra-escolares. Hélio dos Santos, vice-presidente da Aruc, acredita que a falta de espaços seja o principal problema da cultura no Cruzeiro. "As atividades que a comunidade promovia até pouco tempo agora não são mais possíveis, por falta de espaço", diz, referindo-se ao Cineclube,

que ocupava a própria sede da Aruc, ao Coral e ao Santa Gavião, concertos musicais que se realizavam nas ruas.

"Não queremos mais trabalhar nesse amadorismo. Precisamos da parceria do governo para poder viabilizar eventos culturais", diz. Ele afirma que há quarenta dias apresentou ao secretário Fernando Lemos um projeto de parceria para a cobertura de uma quadra esportiva da Aruc, com vistas a transformá-la num espaço cultural comunitário, prevenindo a realização de cursos, oficinas, shows e outros espetáculos. Hélio garante que até agora não recebeu resposta do secretário.

Guará — O Guará é uma cidade atípica em termos de demanda cultural. Com 113 mil habitantes e uma das maiores rendas *per capita* do Distrito Federal, o Guará também é uma das duas únicas satélites que têm uma Casa de Cultura, que neste caso é mantida pela Administração Regional. A população da cidade, segundo Sônia Dourado, diretora da Casa de Cultura, "não se resseente da falta de espaços, porque é acostumada a frequentar eventos no Plano Piloto". Sônia diz que a demanda é maior por atividades de lazer de rua. Ocupando o espaço de uma antiga churrascaria, a Casa de Cultura chega a registrar um movimento de até 1.600 pessoas por semana, com atividades que vão de oficinas de cerâmica, capoeira, artes plásticas, violão e literatura até cursos de manequim e cabeleireiro. A biblioteca reúne um acervo de 12 mil volumes à disposição da comunidade.

Apesar de dispor de 21 bandas de música, a população do Guará quase não utiliza o auditório da Administração, com 350 lugares. "Quando promovemos shows e peças teatrais lá, não vai ninguém", diz Sônia. Presidente do Conselho Regional de Cultura, Sônia queixa-se da ausência do secretário Fernando Lemos naquela satélite: "Ele nunca nos deu a honra de sua visita". Ela lembra que a secretaria não contribui para a manutenção da Casa de Cultura e espera ver aprovado pelo Faac um projeto de oficinas culturais para o Guará.

■ **Lela** a resposta do secretário Fernando Lemos na página 2.